

# ARTIGOS

## RESUMO

O ponto de partida desse estudo é a casa. Não qualquer casa, mas aquela que reconhecemos ser a nossa primeira casa. Esta, segundo Bachelard, é o nosso “canto no mundo”, o lugar onde a relação entre o eu e o mundo não se guia pela racionalidade, sendo a nossa referência para a construção de toda a casa que habitaremos algum dia. Quando criança, a casa é o primeiro espaço onde experimentamos a corporeidade e vivenciamos o lúdico. Tal experiência está guardada na memória por imagens e pela percepção que temos delas. A ação fenomenológica que buscamos aqui é a reflexão sobre o primeiro habitar a partir dessas imagens e devaneios, entendendo o primeiro lar como objeto fundamental para a construção da subjetividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fenomenologia, Arquitetura e Urbanismo, Linguagem.

Fig 2 - colagem 01 - Stephanie C. Jesus

PERCEÇÃO DO ESPAÇO DA HABITAÇÃO DESDE A INFÂNCIA:  
A PENUMBRA NAQUELA CASA  
Aline Zim | Prof. do CAU/UCB | Stephanie C. de Jesus | Aluna do CAU/UCB

## INTRODUÇÃO

Inicialmente, é preciso refletir sobre a construção de conhecimento a partir de subjetividades, abordagem esta que parece distante nas disciplinas de arquitetura e urbanismo. Explorar a casa somente em sua dimensão imaterial pode parecer, a princípio, improdutivo no que tange a produção de elementos objetivos. O ideário cunhado pelo modernismo disseminou o conceito de habitação como máquina de morar, espaço geometrizado, matematizado, gerado a partir da funcionalidade, produtividade e objetividade. Há, talvez, um processo de esvaziamento, principalmente no mundo ocidental, das demais dimensões que também compõem uma casa e que não estão destacadas nas linhas do pensamento modernista. A casa, enquanto espaço, abriga mais do que somente o corpo do homem e as necessidades que se referem a esse corpo. Ela abriga a própria condição humana, que está além dos limites e definições da geometria dos espaços.

Cabe aqui nos atermos brevemente aos conceitos de objetividade e subjetividade. Para além da primeira aparência de total oposição, ambos os termos se expressam a partir de um diálogo. No campo da sociologia clássica, as duas partes desse diálogo são o indivíduo e a sociedade. Para o sociólogo Émile Durkheim a sociedade e sua organização são a fonte de toda a subjetividade do indivíduo. Para Lévi-Strauss, antropólogo e filósofo, é justamente o contrário, a vida social é que se organiza a partir da vida psíquica dos indivíduos,

da sua subjetividade e formas de saber sobre o mundo (SILVA, 1996). Aqui podemos começar a delinear um pensamento: a possibilidade de superação daquele primeiro olhar que antagoniza objetividade e subjetividade.

No campo científico, a objetividade é alcançada na medida em que se esvazia de personalidades com o intuito de conhecer o objeto de estudo em sua universalidade. Afirma-se assim, que o produto gerado pela sua análise, ou seja, o conhecimento produzido, pode ser aplicado a todos os objetos que fazem parte desse universo sem as implicações das singularidades pessoais de quem faz a análise. Toda a subjetividade parece ser posta de lado quando há a pretensão de cientificidade.

A subjetividade traz atrelada ao seu conceito um sentido de imprecisão, como se tudo o que se produzisse a partir dela fosse tendencioso e inclinado ao erro (e errar é, obviamente, um ato humano). O cogito ergo sun, premissa da intuição racional e objetiva, surge justamente das desconfianças sobre os sentidos, consistindo em duvidar de tudo (SILVA & HENNING, 2011). Mas há conhecimento que não venha dos sentidos? Todos os aspectos da dimensão humana estão presentes na construção da materialidade, influenciando-a e sendo influenciada por ela. O homem, como um ser passível, tem a significação das suas vivências e experimentações condicionadas à indissolubilidade dos pares objetividade – subjetividade, materialidade – imaterialidade presentes no mundo. Ele, como ser ativo, é também

um construtor desse mundo.

Entre objetividades e subjetividades encontra-se o espaço, palco de todos os fenômenos segundo a física newtoniana. Tanto em seu sentido físico como em seu sentido fenomenológico o espaço é um campo de complexidades. Para Newton, o espaço é um ente imóvel, invariável, referencial e independente de todos os fenômenos. Sendo assim, o espaço é exterior ao ser humano, independente dele, real e objetivo (FRANCO, 2012). Na reflexão fenomenológica o espaço nasce desvinculado de qualquer realidade tangível e só se realiza a partir de significações: “Só ao se tornar ‘para mim’, o espaço recebe um significado, um sentido. O espaço ‘para mim’, ao contrário do espaço em si, só existe porque estou aqui. Nós não dependemos dele; ele é quem depende de nós, e sem nós nada seria.” (FUÃO, 2003, p. 11). Assim, o espaço só se conforma enquanto a existência do eu se mistura a ele. Heidegger, quando designa a relação entre o sujeito e o espaço, o *daisen* (ou *ser-no-mundo*), não os coloca dentro de um ou de outro, mas aponta que a existência configura uma espacialidade, que já é ação para o próprio existir, ou seja, o *ser-enquanto-ser* (FRANCO, 2012).

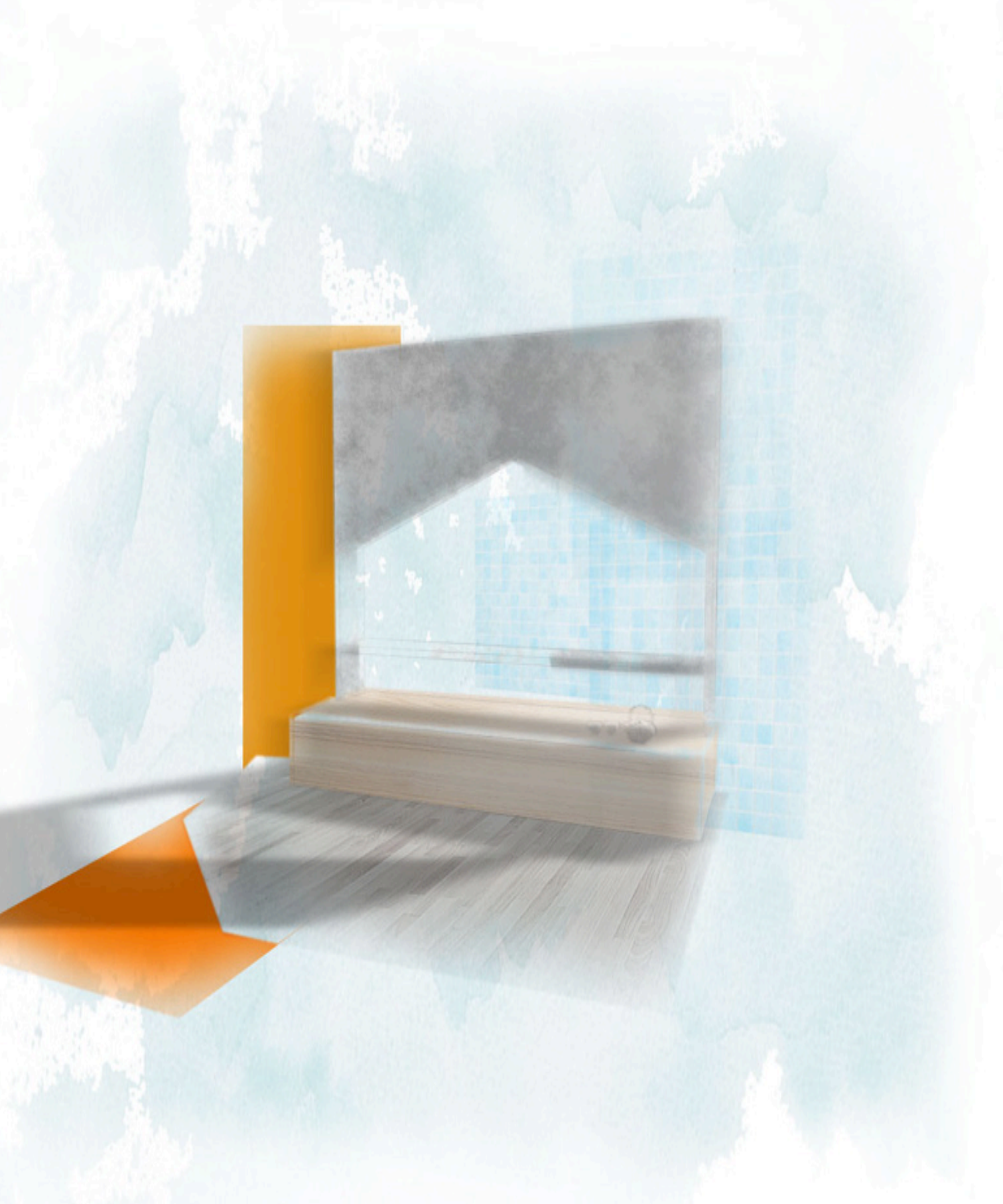
Podemos afirmar que a interação entre espaço e sujeito se dirige para além da materialidade prática do fenômeno. As subjetividades tornam-se presentes no espaço a partir da imersão do eu enquanto sujeito que, ao se especializar, se re-singulariza. Sujeito e espaço são, então, par-

tes de alguma possibilidade, de algo que ainda será. São ambos produtos e ambos devires.

Tais conceitos e reflexões são úteis para a compreensão da escolha do lugar, do ponto de partida para estudar a percepção do espaço da habitação na infância. Não tratarei aqui de qualquer casa de infância, mas da minha casa, logo o lugar de onde parto é pela imersão no fenômeno, preservando, dentro do que me é possível, o olhar como pesquisadora. Busco refletir sobre o espaço a partir das expressividades poéticas contidas na dimensão da minha vivência procurando superar a materialidade arquitetônica da casa.

Como sou eu o sujeito dessa narrativa, creio ser aceitável – até indispensável – a escrita em primeira pessoa. A utilizo no singular com o intuito de personalizar as percepções do espaço, deixando claro que a apreensão do lugar depende do sujeito da narrativa, e a utilizo no plural quando acredito que posso aproximar mais a minha experiência com a de quem lê, convidando o leitor ao sonho. Guiados pela memória, imagens e devaneios, vamos então atravessar o tempo e o espaço cartesiano e visitar esse microcosmo captado pelas nossas percepções: as nossas casas.

A casa era cinza. Não que sua cor fosse essa, talvez o correto seja dizer que a casa parecia cinza. Não lembro exatamente dos móveis nem da posição dos elemen-



tos, exceto por uma poltrona que ficava entre o fim da cozinha e o início da sala, mas recordo da luz que entrava pela janela da cozinha se arrastando pelo chão, no decorrer do dia, em um esforço para iluminar todos os cantos. Que ingênuo! A casa ainda parecia cinza. A luz mal chegava na sala e, estando sentada naquela poltrona, tudo o que vejo (e na verdade não vejo) está escondido na penumbra, se insinuando, não para meus olhos, mas para a minha imaginação. A sombra e a penumbra têm a potência de aguçar a imaginação para desvelar a concretude das coisas.

Quem olha a sala não sou eu há anos atrás, sou eu no presente que me enxergo ali quando criança. Quando presentifico o passado, suspendo a passagem do tempo, retendo-o em um espaço que o define sem um sentido para o qual ele precise se encaminhar. Sim, onde me encontro é o espaço que define o tempo, seu comprimento através da memória, “[...] pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizada por longas permanências.” (BACHELARD, 1996, p.29). Volto então à minha casa da infância ou a trago para o presente.

A casa natal é uma mistura de muitas imagens, de muitos fragmentos de vida que flutuam no tempo. A minha primeira casa não existe mais, a não ser pela minha memória que registrou parte da sua existência. Chega a ser estranha tal afirmação, “a minha casa não existe mais”. A essência sobrevive ao tempo e

no tempo, enquanto a matéria já se foi. Mário Quintana escreveu em seu poema “Quem disse que eu me mudei? ”: “Não importa que a tenham demolido: A gente continua morando na velha casa em que nasceu” (1987, p. 760). A casa da infância não se apaga como uma lâmpada que, desligada, não deixa rastros de luz. Ela é sempre uma vela acesa, lançando uma luz sutil, formando sombras e penumbras que se estendem por muitos cômodos da vida, sobre muitos objetos, para ser ignorada ou esquecida. Ecléa Bósi confirma:

A casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas também preciosas, que não tem preço. Nas lembranças pode aflorar a saudade de um objeto perdido de valor inestimável que, se fosse encontrado, traria de volta alguma qualidade da infância ou da juventude que se perdeu com ele. (2004, p.42)

Mesmo quando a nossa casa material há muito já se foi, as nossas memórias tratam de recompô-la por ser ela o nosso lugar de intimidade, a fundação de tudo aquilo que virá a ser: “Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova.” (BACHELARD, 1996, p.25). É a casa natal a raiz de todo habitar, depositada em nossas lembranças não como a casa que ocupamos um dia, mas como a casa que imaginamos ter habitado. A casa da infância é o pó nas estantes do tempo com o qual produziremos os tijolos que erguerão a casa sonhada.

Em seu livro “A terra e os devaneios do repouso” (1990), Bachelard faz uma dis-

tinção entre casa natal e casa onírica (ou casa sonhada, imaginada). A casa natal é a plataforma protegida onde abrigam-se os nossos sonhos, é a imagem primordial de intimidade de onde se projetarão as imagens mais profundas encontradas através do devaneio. Quanto à casa onírica, ele diz: “[...] é um tema mais profundo que a casa natal. Corresponde a uma necessidade mais remota. ” (1990, sem paginação) e reafirma dizendo que é justamente a casa natal o que dá o testemunho dessa proteção mais remota, ou seja, da casa onírica.

Parece que a nossa casa é sempre diferente, mesmo quando igual a todas outras casas da rua ou do bairro. Na minha casa tinha elevador, nave, esconderijo, buraco negro e tudo isso representava mais do que somente a estrutura fechada de alvenaria que suportava o reservatório de água, que era comum em tantas outras casas. Sei que cabia todo mundo lá. Cabia o mundo inteiro e cabia vários mundos. Mesmo idêntica a tantas outras, eu não estava nessas outras, eu estava lá, na minha casa, no meu buraco negro, construindo com as minhas estrelas o meu microcosmo, construindo os meus segredos. Eu habitava aquele espaço debaixo da caixa d’água e ele habitava em mim.

Enquanto eu revelo a minha casa, a casa também me revela. Ela narra a mim enquanto eu devaneio. Ela sussurra o modo como habito o mundo e assim ela me mostra, enquanto ser-no-mundo, mergulhada na complexidade de todos os fragmentos que construí e que me con-

struíram. Quando me vejo ali, imersa na penumbra profunda do meu buraco negro imaginário, aquele habitar se evidencia no corpo, na essência, no que sou. Como bem disse Bachelard, “[...] as imagens da casa caminham em dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nela. ” (1996, p.20).

A casa é a referência. É o ponto de partida e a linha de chegada. A casa é a caverna, é a toca, é o lar, é o universo, é a proteção. Casa é um corpo pulsante, empurrando e puxando a gente: ora estamos presentes, ora estamos ausentes nesse movimento de eterno retorno a ela na busca por um abrigo, um lugar seguro. Casa é a mãe nos botando no mundo, nos parindo e tendo seu corpo marcado por nós. Casa é a mãe nos guardando do mundo, nos preparando para ele e para quem voltamos o nosso olhar quando rodeados por ele. A imagem é clássica, “Mãe e Casa, eis dois arquétipos no mesmo verso” (BACHELARD, 1990).

São muitas as histórias que se alojam na minha casa da infância. Histórias sem início e sem fim. São todas histórias-meio (ou são poemas?), fragmentos que se unem formando imagens dentro de imagens e que conectam uma verdade hermética, que só é visível para mim. São o material que utilizo para construir o meu lugar, a minha casa onírica. Com os tijolos da memória construo essa casa. Com as estrelas, esses pequenos pontos de luz, vou desenhando um universo de extensas sombras que me atravessam. O cimento entre os tijolos, o fundo negro no céu es-

trelado: são esses os elementos que ligam tudo, são eles o devaneio. Partindo desse lugar, não construo a casa que tive, mas a casa que sonho ter, “ao invés de sonhar com o que foi, sonhamos com o que deveria ter sido, com o que teria estabelecido para sempre nossos devaneios íntimos” (BACHELARD, 1990, não paginada). Através das possibilidades, e não da realidade, eu sonho (construo) uma casa imaterial, sem limites e sem censura.

Na fenomenologia do habitar buscamos nas memórias esse material de construção. Mas, enquanto as lembranças são imóveis, a imaginação, essa sim, se move juntando todas as penumbras, aqueles cenários embaçados do passado, que costurados com a linha do quase sonho, tecem o nosso espaço de aconchego. Nasce a casa imaginada, a casa onírica ou a casa-imagem, como uma escada etérea, muito leve e frágil, que liga a intimidade do sujeito à matéria concreta do mundo, unindo o porão habitado pelas sombras ao sótão preenchido de luz. Construir é habitar, escreveu Heidegger (FUÃO, 2016), e enquanto habitamos revelamos o ser em nós.

Há certas tardes chuvosas em que me flagro deslizando da poltrona ordinária do meu quarto ou do assento de um ônibus, também ordinário, escapando para mundos intangíveis. Observo de longe um balanço em um urucuzeiro que nunca tem ninguém. Pergunto-me por que qualquer criança se absteria da diversão gratuita de balançar-se sem compromisso. Por que não tem ninguém? Por que não estou eu

ali, na euforia do movimento pendular, agitando as sementes do urucum dentro dos ventres secos da árvore? Parece impossível eu não ter brincado ali. A não ser que o balanço nem sequer tenha existido. Pouco importa! Ainda assim meu olhar se arrasta para ele, o contemplando de uma janela qualquer. E lá está ele, se movendo suavemente, protegido pela quase sombra da folhagem do urucuzeiro.

Como um balanço em movimento permanente, que só pode existir em um devaneio, a casa onírica é tão somente uma utopia (o que não é pouca coisa), distante da realidade palpável. Por vezes, as imagens não são o produto fiel das lembranças da casa natal, mas misturadas a elas se desenham como um desejo e um devir: “ [...] num devaneio, uma vez que lembramos, o passado é designado como valor de imagem ” (BACHELARD, 2009, p.99). No meu devaneio, em qualquer árvore se pode pendurar um balanço! A árvore, agenciadora de espaços e percepções para mim, faz parte das penumbras da minha infância. Ela é a possibilidade, a potência, o devir de um balanço de madeira e cordas de sisal.

A penumbra é campo fértil para o devaneio. É espaço que transgride, é lugar de desvios. Ela é o quase visível, sendo ainda oculta, seduzindo, sussurrando e inquietando, desprendendo-se da realidade e mira em uma promessa. Na penumbra, estendem-se as brechas para as subjetividades humanas, para os cenários que compõem a nossa dimensão existencial.



Ainda olhando para o meu balanço imaginário, sinto que há ali uma pausa. Nessa suspensão, há um tempo próprio para uma percepção sensível do espaço que criei. Há um tempo para o silêncio, para o ruído, para os sentidos, para um vácuo preenchido pelo meu ser. Essa simultaneidade - presença-ausência do ser - possibilita uma soma de elementos, conscientes e inconscientes, com os quais interajo, e que constroem significações profundas em mim. Ao mesmo tempo em que estou inserida no espaço, sei que sou esse mesmo espaço, sei que sou o balanço em movimento e a criança que lhe falta. Recordo o que escreveu Walter Benjamin: "A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também de moinho de vento e trem." (1985, p. 108). Se em sua teorização Heidegger vai buscar no léxico germânico o significado do habitar (*bauen*) e encontra o ser (*bin*), creio que posso dizer: sim, eu habitei um balanço vazio!

Enquanto a luz e os espaços iluminados são os recintos da reunião e da coletividade, para onde se vai quando se procura fugir de estar sozinho (percebamos que a lareira, a fogueira, o fogo em si são elementos de aglutinação), a penumbra é o canto primeiro da solidão. Diferente da sombra, onde prevalece a escuridão, a inexistência de luz e a negação, a penumbra é um cenário do "quase", um talvez, um diálogo entre os dois entes. Essa alternância entre polaridades (luz-sombra, bem-mal, cheio-vazio, sim-não) é uma geradora de incompletudes, de uma aus-

ência que anseia por ser preenchida pelo material e imaterial que se injetam ali pelo sonho diurno, pelo devaneio: "O devaneio cósmico [...] é um fenômeno da solidão, um fenômeno que tem sua raiz na alma do sonhador." (BACHELARD, 2009, p.14).

Rememorar a casa natal e construir a casa onírica é sempre um exercício na solidão. Para compartilhá-las não é preciso descrevê-las, pois "Descrevê-la seria mandar visitá-las." como diz Bachelard, e acrescenta "A casa primordial e oniricamente definitiva deve guardar sua penumbra." (1996, p.32). São elas imagens poéticas e, sendo assim, não se desenham como coisa real, pronta e acabada, mas como uma possibilidade de reinvenção, de redesenho, de preenchimento de brechas com o conteúdo das subjetividades outras, proporcionando a criação de outras imagens, de outros encontros com a memória-imaginação.

Enquanto "escrevo" a minha casa natal e a minha casa onírica, deixo a penumbra tomar conta da narrativa, assim como deixo a imaginação tomar conta da memória enquanto devaneio. A imagem poética da casa é um entreabrir de portas para outras percepções: "o leitor que 'lê um quarto' interrompe sua leitura e começa a pensar em algum aposento antigo." (BACHELARD, 1996, p.33). Na imagem poética os elementos extrapolam o seu caráter individual, se expandem, flutuam, se atualizam, misturando-se a outras realidades e virtualidades, transcendendo a caneta de quem a escreve.

Tal como o poema, as casas com as quais sonhamos estão libertas até mesmo de si:

O poeta nomeia as coisas: estas são plumas, aquelas são pedras. E de pronto afirma: as pedras são plumas, isso é aquilo. [...] ao enunciar a identidade dos contrários atenta contra os fundamentos do nosso pensar. Por tanto a realidade poética de uma imagem não pode aspirar a verdade (expressa aqui como a realidade aceita como verdade). O poema não diz o que é, sim o que poderia ser. [...] a pedra é um momento da realidade; a pluma outro; e de seu choque surge a imagem, a nova realidade. (Paz, 2003, p.98 apud Castellanos, p. 107, 2014)

Na expansão da interioridade humana, as superfícies do que é material e do que é devaneio estão sempre se tocando. A imagem poética da casa surge a partir daquilo que é tangível, físico e palpável, somado às percepções do sujeito. Assim, os espaços que construímos, e que por consequência habitamos, podem buscar na casa-imagem elementos para compor sua existência material. Se tem aí um ciclo de construção e experimentação que não limita a vivência do espaço, é um constructo permanente para todos aqueles que o habitam.

Na inconclusão da ação que não se separa da imaginação, creio que o mais importante é que deixemos aquele pé de urucum crescer livremente em todos os lugares. Talvez coloquem nele um balanço, talvez edifiquem uma casinha sobre seus galhos ou mesmo utilizem seu tronco oco

como abrigo. Só deixemos ele lá, como um sussurro, uma penumbra, um quase.

## BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, G. A Casa Natal e a Casa Onírica. In: \_\_\_\_\_. A terra e os devaneios do repouso. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990. cap. 4. Disponível em:< <https://pt.scribd.com/doc/80171849/Bachelard-A-casa-Natal-e-a-casa-Onirica-In-A-terra-e-os-devaneios-do-reposo-sem-grifos>>. Acesso em 07 nov. 2017

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BENJAMIM, Walter. "A Doutrina das Semelhanças". In: \_\_\_\_\_. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. Tradução Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, v.1, p.108.

BÓSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 12. ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CASTELLANOS, Karina Contreras. El espacio em el espacio: vacío intangible de potencialidade poética. [S.l.:s.n.], 2014. Disponível em:< [https://issuu.com/espaciocuatro33/docs/documento.kcontreras.\\_final.014](https://issuu.com/espaciocuatro33/docs/documento.kcontreras._final.014)>. Acessado em: ago./2017.

FRANCO, Renato Ferreira. Habitar a cidade: a reconstrução do espaço de habitação para ex-internos de um hospital psiquiátrico e sua importância para a produção de subjetividade. 2012. 160 f. Tese apresentada na Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FUÃO, Fernando Freitas. O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? Revista Arqtexto, Porto Alegre, n. 3-4, p. 10-40, 2003. Disponível em:< <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22149>>. Acessado em: ago. /2017.

FUÃO, Fernando Freitas. Construir, Morar, Pensar: uma releitura de 'Construir, Habitar, Pensar (Bauen, Wohnen, Denken) de Martin Heidegger. Revista Estética e Semiótica, Brasília, v. 6, n. 1, p. 3-18, 2016.

QUINTANA, Mário. Poesia completa. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

SILVA, Ilezzi Luciana Fiorelli. O problema da objetividade e da subjetividade nas teorias sociais clássicas e contemporâneas: um debate necessário. Ver, Mediações, Londrina, v.1, n. 2, p. 21-26, jul. /dez. 1996. Disponível em:< <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9377/8105>>. Acessado em: set. /2017.

SILVA, Rafael Bianchi; HENNING, Leoni Maria Padilha. A construção da subjetividade: notas sobre o sujeito. Acta Scientiarum. Humam and Social Sciences.

Maringá, v. 33, n.1, p. 67-74, 2011. Disponível em:< <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/9439/9439>>. Acessado em: set/2017.



Fig 4 - colagem 03 - Stephanie C. Jesus

